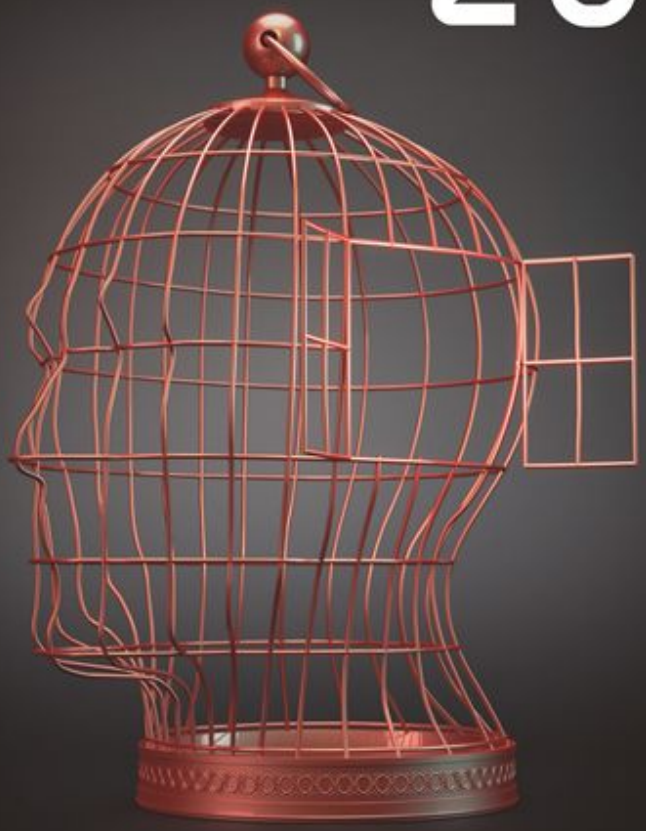
GUILHERME FIUZA

PASSAPORTE 2030

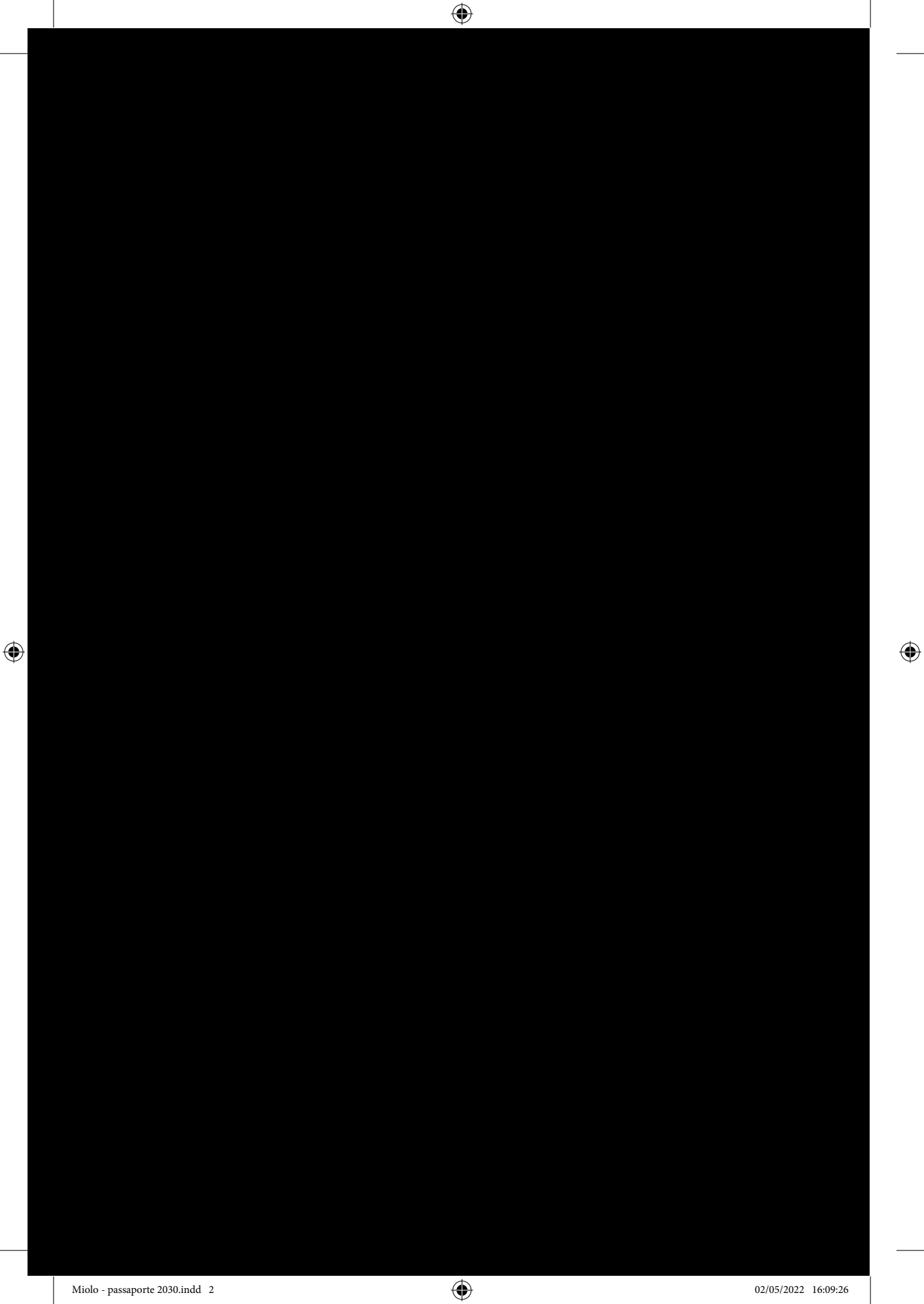


O SEQUESTRO SILENCIOSO DA LIBERDADE

AVIS RARA

PASSAPORTE 2030

Miolo - passaporte 2030.indd 1 02/05/2022 16:09:26



Miolo - passaporte 2030.indd 2 02/05/2022 16:09:26

GUILHERME FIUZA

PASSAPORTE 2030

O SEQUESTRO SILENCIOSO DA LIBERDADE

Miolo - passaporte 2030.indd 3 02/05/2022 16:09:26

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2022

COPYRIGHT © GUILHERME FIUZA, 2022

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Avis Rara é um selo da Faro Editorial.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Revisão **BÁRBARA PARENTE | THAÍS ENTRIEL**

Diagramação **REBECCA BARBOZA**

Imagens internas **EVERETT COLLECTION | SHUTTERSTOCK**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Jéssica de Oliveira Molinari CRB-8/9852

Fiuza, Guilherme
Passaporte 2030 : o sequestro silencioso da liberdade / Guilherme Fiuza. –– São Paulo : Faro Editorial, 2022.
224 p.

ISBN 978-65-5957-186-4

1. Ciências sociais 2. Política e governo 3. Liberdade I. Título

22-1750 CDD 300

Índice para catálogo sistemático:
1. Ciências sociais

FARO EDITORIAL

1ª edição brasileira: 2022
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil, adquiridos por FARO EDITORIAL

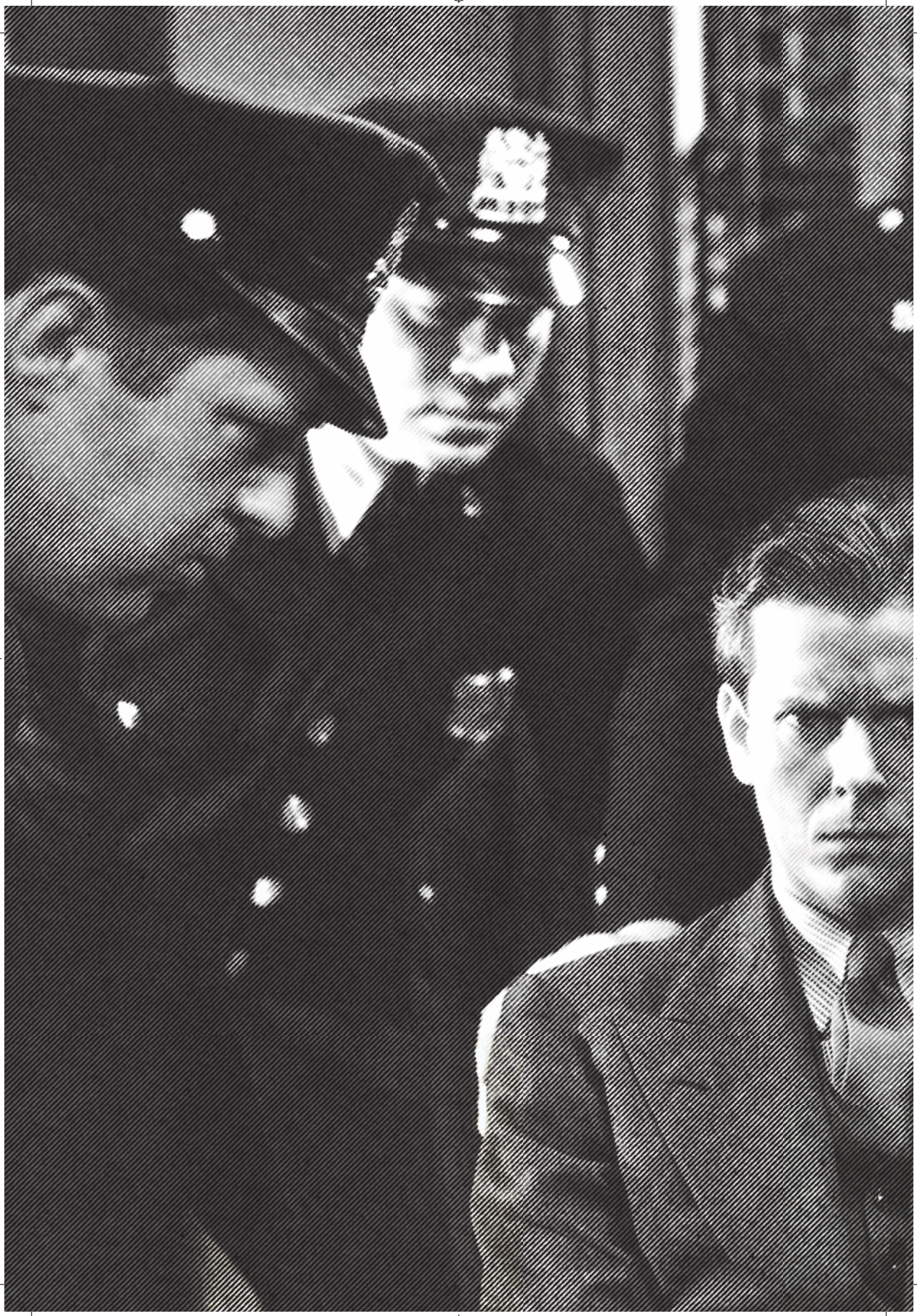
Avenida Andrômeda, 885 — Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

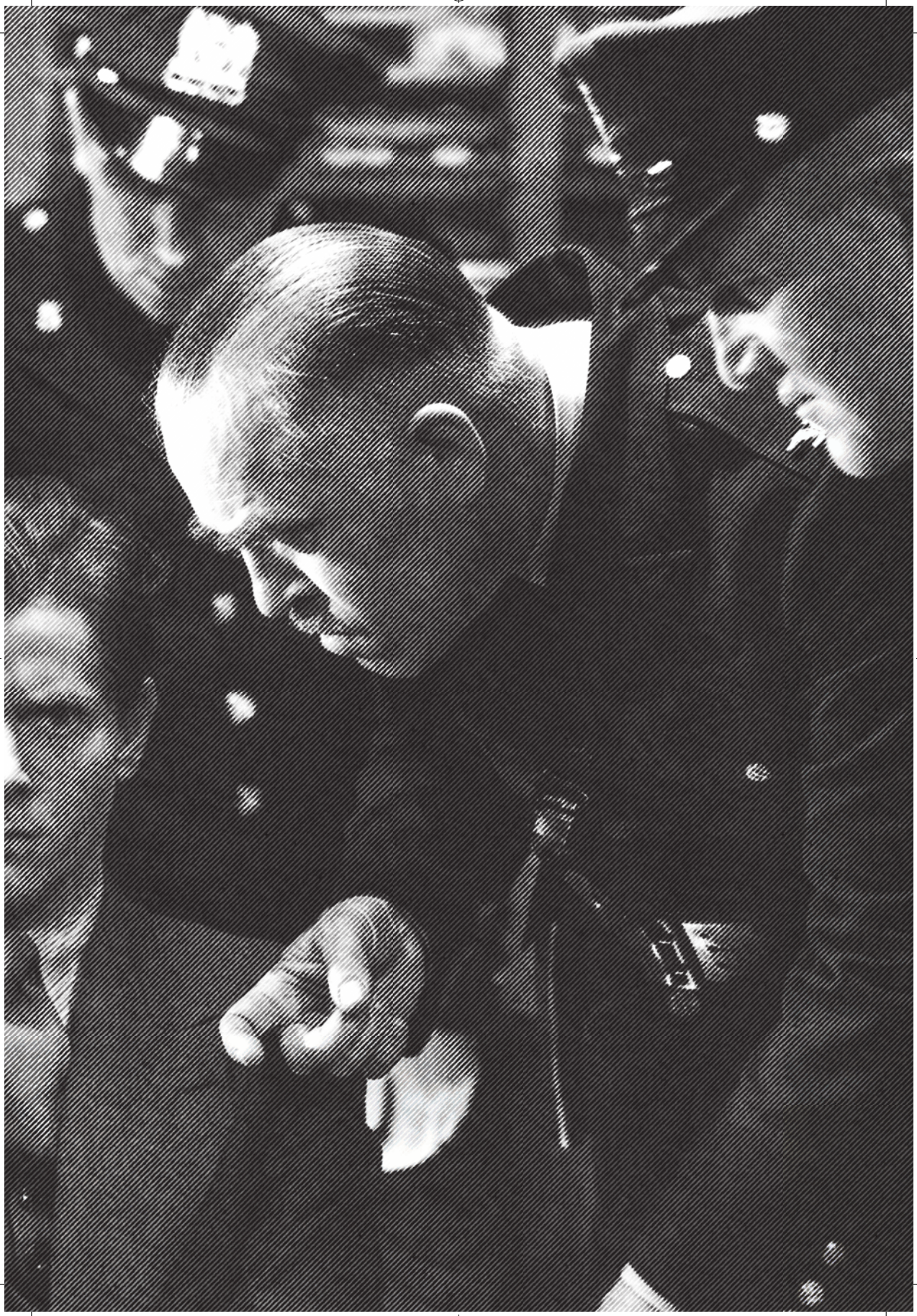
SUMÁRIO

Abertura **11**

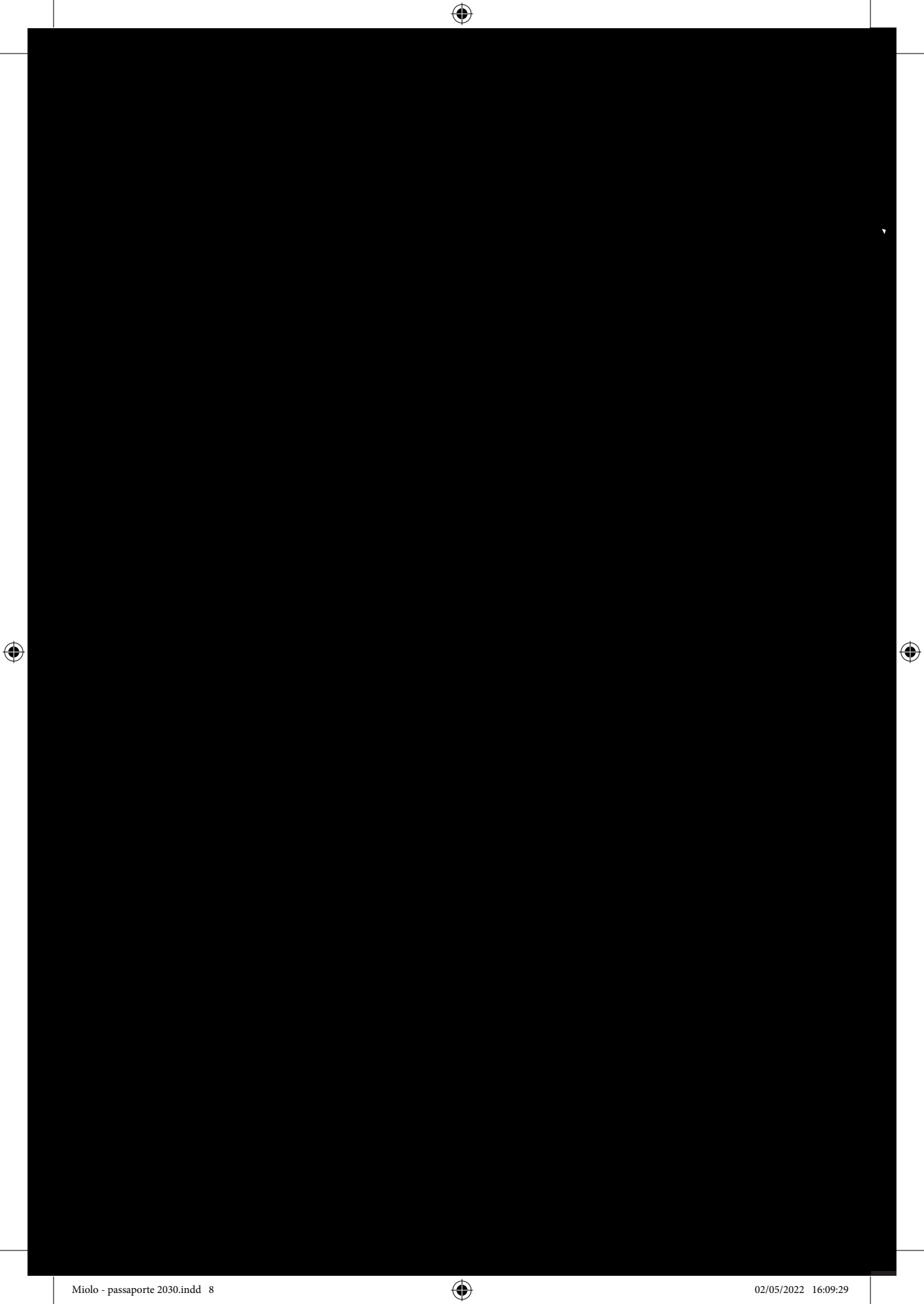
1. Depois do fim **15**
2. Mexa-se **29**
3. Checamos: você não existe **43**
4. O Fim da história **59**
5. O Esquema **75**
6. A apoteose dos tolos **89**
7. Operação Lava Lula **99**
8. Golpistas são os outros **111**
9. *Habeas cínicus* **123**
10. Ciência para quem precisa **135**
11. Política não é nada disso **145**
12. Se as eleições fossem ontem **159**
13. *Lockdown* mental **173**
14. Djokovic e os cangurus **185**
15. Deu (a louca) no *New York Times* **197**
16. Bruno e Thais **205**
17. Notícias de 2030 **217**

Miolo - passaporte 2030.indd 5 02/05/2022 16:09:27





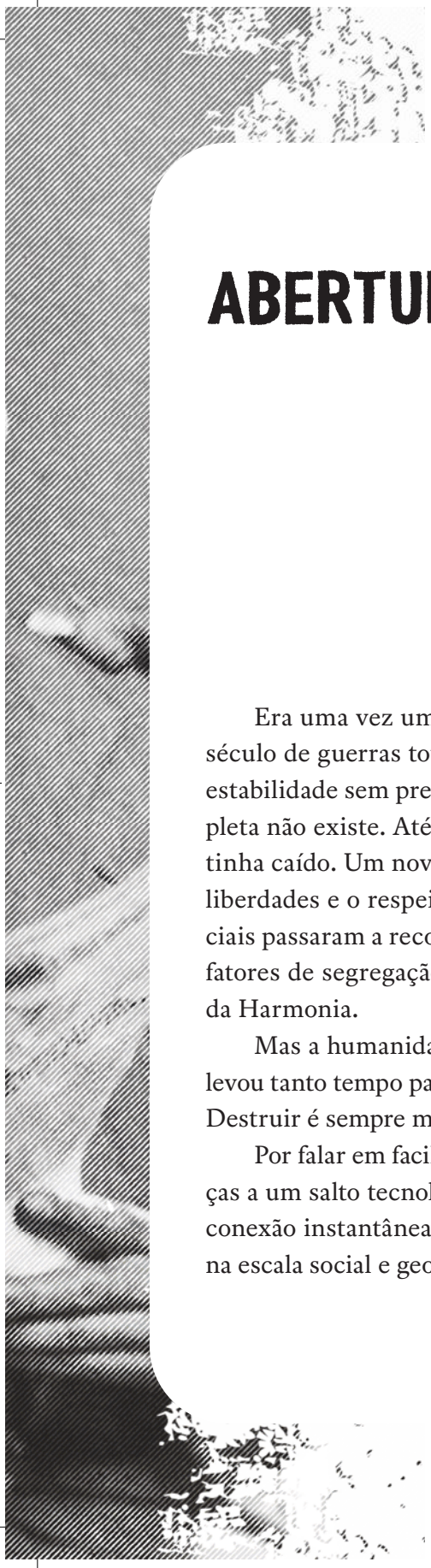
Miolo - passaporte 2030.indd 7 02/05/2022 16:09:29



Miolo - passaporte 2030.indd 8 02/05/2022 16:09:29

PASSA PORTE 2030

Miolo - passaporte 2030.indd 9 02/05/2022 16:09:29



ABERTURA

Era uma vez uma civilização vitoriosa. Ela atravessou um século de guerras totais e alcançou a paz. Ou pelo menos uma estabilidade sem precedentes entre os povos, já que a paz completa não existe. Até um muro que simbolizava a cisão política tinha caído. Um novo século começava com a consagração das liberdades e o respeito às escolhas individuais. Os códigos sociais passaram a reconhecer que raças e credos não podiam ser fatores de segregação. Estava tudo pronto para o início da Era da Harmonia.

Mas a humanidade não quis. Jogou tudo isso fora. E o que levou tanto tempo para ser construído foi ao chão num instante. Destruir é sempre muito mais fácil e rápido.

Por falar em facilidade, o mundo inteiro tinha se unido graças a um salto tecnológico vertiginoso. O novo século trouxe a conexão instantânea — a amplificação das vozes mais remotas na escala social e geográfica. Uma revolução democrática.

Miolo - passaporte 2030.indd 11 02/05/2022 16:09:32

Eis o escândalo: essa revolução democrática virou recaída autoritária. Talvez nem Freud explicasse — ele que revelou tanto da alma humana na virada de século anterior, quando a humanidade caminhava para a eclosão das guerras mundiais. O que houve com os homens?

A resposta se tornou impossível num mundo capaz de considerar essa pergunta machista (duvida?) — por mencionar os "homens" e não as mulheres e demais gêneros catalogáveis. A combinação de ignorância e prepotência sempre foi explosiva.

E foi assim que a idiotice viralizou. Fantasiada de ética. E a viralização do vírus — ou da suposta preocupação com ele — trouxe o clímax do salvacionismo cínico. As trincheiras de empatia cenográfica foram sendo cavadas a cada esquina digital contra o monstruoso inimigo imaginário — o neandertal moderno que eu posso projetar em qualquer um, no meu vizinho, no meu amigo, no meu irmão, bastando apontar o dedo duro para ele dizendo que não segue as normas de segurança difundidas pela Lady Gaga, pelo Bill Gates e pela empática ditadura chinesa.

Você está colocando vidas em risco — e cada vez que eu digo isso meus seguidores se multiplicam e empoderam a minha irrelevância.

Como isso foi acontecer? Onde estavam escondidos, naquela caminhada aparentemente firme para a Era da Harmonia, o cinismo e a covardia?

Com possibilidades sem precedentes na história de expansão do bem-estar e da liberdade, como o mundo se desviou para uma epidemia de moralismo, egoísmo e tara pelo controle — todos devidamente dissimulados e fantasiados de humanismo?

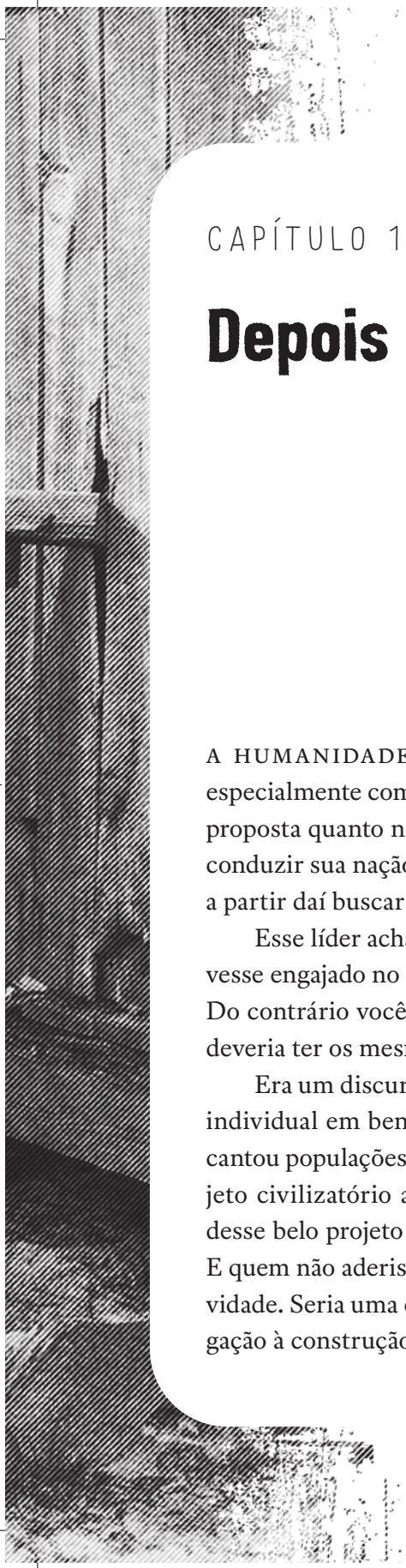
De onde saiu a legião de tiranos enrustidos com suas variadas armadilhas autoritárias pintadas de bondade e

Miolo - passaporte 2030.indd 12 02/05/2022 16:09:33

altruísmo? Como sociedades tão esclarecidas passaram a se sujeitar docilmente à dominação dos medíocres e dos fracos?

Como foi possível a ascensão do totalitarismo frouxo?

Este livro não se atreve a tentar responder a essa pergunta. Mas passeia pelos arredores dela. Livremente. Sem passaporte e sem coleira.



CAPÍTULO 1

Depois do fim

A HUMANIDADE PRECISA DE LÍDERES. E SE ENCANTA especialmente com aqueles que conseguem ser ousados tanto na proposta quanto na ação. Certa vez, um líder obstinado decidiu conduzir sua nação sem rodeios para o caminho da virtude — e a partir daí buscar a purificação da Humanidade.

Esse líder achava que você deveria ser livre, desde que estivesse engajado no projeto maior de moralização da coletividade. Do contrário você era uma ameaça ao bem-estar coletivo e não deveria ter os mesmos direitos que os outros.

Era um discurso ético. Um chamamento à responsabilidade individual em benefício do bem comum. Assim, esse líder encantou populações inteiras — fascinadas com a adesão a um projeto civilizatório avançado. Estava muito claro que o sucesso desse belo projeto social dependia da adesão de cada indivíduo. E quem não aderisse, obviamente, estaria prejudicando a coletividade. Seria uma espécie de traidor. Um indesejável polo de negação à construção da pureza e da felicidade.

Miolo - passaporte 2030.indd 15 02/05/2022 16:09:37

O líder propagava um conjunto de valores virtuosos dos quais ninguém haveria de discordar. E cada vez menos alguém ousava discordar. Não porque o líder ameaçasse. Os semelhantes se encarregavam de cercar o discordante. O projeto coletivo era tão obviamente bom que aqueles que não colaborassem só podiam ser obtusos. E uma revolução virtuosa não pode transigir com obtusos. Melhor calá-los, antes que a influência nefasta se espalhe.

Eis aí uma ideia simples e eficaz. Impedir que ruídos se espalhem. Zelar para que mensagens impróprias não se disseminem, contaminando o senso comum virtuoso. Impedir que fiquem falando por aí o que é errado, prejudicando o que é certo. Este é um ponto muito valorizado pelo ser humano esclarecido, culto, responsável: afirmar o que é certo e repudiar o que é errado.

Quanto mais o indivíduo se considera esclarecido, mais ele confia nas suas próprias certezas. Ele tem certeza de que uma união em torno dos valores certos é a chave da prosperidade — e faz a sua parte com fervor, agindo para reprovar e banir os valores errados. Ele se orgulha de ser consciente. Foi com uma formidável soma de indivíduos assim — resolutos sobre a sua responsabilidade social e intransigentes com o que não é certo — que o líder abnegado dominou tudo.

Ou quase. Quando o caminho parecia pavimentado para a consagração da nova ordem virtuosa, o caldo entornou. Indivíduos e povos que talvez não tivessem tantas certezas assim reagiram ao grande projeto purificador. Não que eles não gostassem de pureza. Apenas perceberam que tinha passado a valer tudo pela suposta purificação. As certezas dos purificadores eram tão cristalinas que era preciso asfixiar os que não aderissem a elas.

Miolo - passaporte 2030.indd 16 02/05/2022 16:09:37

Os mais abnegados preferiam trucidar. Trucidar no bom sentido, claro.

Sobreveio um grande trauma. Após a derrota do líder purificador, a humanidade se deu conta de que o projeto social "virtuoso" tinha ido longe demais. E que a construção de um sistema de controle coletivo para guarnecer uma suposta ética tinha nome: totalitarismo. Enfim, uma tragédia de desumanidade que jamais poderia se repetir no futuro.

Filmes, livros, leis, códigos e salvaguardas proliferaram para que aquela utopia brutal nunca mais seduzisse o ser humano. Menos de um século depois, a História revelaria que o "nunca mais" tinha data de validade.

* * *

No dia 11 de setembro de 2001, o mundo achou que estava acabando. Ou pelo menos que determinado tipo de civilização estava chegando ao fim . Aqueles aviões atirados contra prédios imensos em Nova York talvez não existissem, até então, nos piores pesadelos. E as notícias em tempo real indicavam que havia outros aviões sequestrados e prontos para ser usados também como dardos gigantes — a exemplo de outro que já explodira contra o Pentágono.

Os Estados Unidos da América estavam vulneráveis como uma casa de bonecas no meio de um bombardeio. A nação mais poderosa do mundo capitulando ao vivo daquela forma patética e chocante parecia mesmo a senha para o fim do mundo. Mas não era. O mundo só acabou vinte anos depois.

Miolo - passaporte 2030.indd 17 02/05/2022 16:09:37

A imagem terrível de aviões cheios de passageiros usados como dardos diabólicos parecia que jamais teria paralelo — mas foi superada. De forma menos cinematográfica. Num arrastão obscurantista, passaram por cima do Código de Nuremberg, nada menos. O Código de Nuremberg foi o conjunto de regras estabelecidas para que "nunca mais" se repetissem as imposições desumanas do tal líder purificador que só pôde ser parado com uma guerra mundial.

Em nome de suposta imunização contra uma moléstia pandêmica, os novos higienizadores impuseram às populações a inoculação de substâncias ainda em desenvolvimento, com seus ciclos de estudo sobre eficácia e segurança inconclusos. Um experimento obrigatório — exatamente o que o Código de Nuremberg proibiu para sempre. As crianças, grupo menos vulnerável à moléstia — cujo histórico de letalidade deixava a maioria da população fora dos riscos de morte —, entraram no esquema. A terminologia oficial usada foi exatamente essa: "esquema" vacinal.

Só com o "esquema vacinal completo" os cidadãos puderam continuar sendo cidadãos, de acordo com as novas obrigatoriedades formais ou tácitas. Entre os direitos garantidos pela cidadania vacinal estava o de transmitir a doença, uma vez que os supostos imunizantes, conforme universalmente constatado, não impediam a infecção, nem a transmissão do vírus. Mesmo assim a exigência do passaporte sanitário da Covid-19 se impôs — sem que os riscos de efeitos adversos (eventualmente letais) das vacinas estivessem devidamente dimensionados.

Ou seja: materializou-se a sujeição do corpo humano a uma experimentação sem embasamento científico. Percebe as torres gêmeas da civilização em chamas?

Em meio ao avanço do "esquema", uma menina de doze anos com sequelas neurológicas após se vacinar contra a

Miolo - passaporte 2030.indd 18 02/05/2022 16:09:37

Covid-19 foi levada numa cadeira de rodas ao Senado dos Estados Unidos por sua mãe, que mesmo devastada dominou o choro para expor o drama. No momento em que a menina Maddie de Garay se vacinou, o epidemiologista John Ioannidis, da Universidade de Stanford, divulgava um estudo situando a chance média de morte por Covid-19 na faixa de 0 a 19 anos em 0,0027%.

Ninguém na face da Terra poderia assegurar que Maddie precisava ter tomado aquela vacina. Mas o mundo não parou diante de uma menina inocente presa a uma cadeira de rodas para se perguntar por que fez isso.

Ou seja: o mundo acabou. Sobreviveu apenas duas décadas ao Onze de Setembro. Continuou girando por curiosidade, para ver o que acontecia depois do fim. E aconteceram coisas incríveis com a mente humana. Dá uma olhada:

— Você é feliz?
— Ainda não.
— Mas não perdeu a esperança, pelo visto.
— De jeito nenhum. Eu chego lá.
— Lá, aonde?
— Na felicidade.
— É isso aí. Tem que manter o pensamento positivo.
— Não é pensamento positivo. É estratégia.
— Ah, é? Qual?
— Agenda 2030.
— Como assim?
— É um projeto muito bacana. Estou nele.
— Mas 2030 não tá um pouco longe?

Miolo - passaporte 2030.indd 19 02/05/2022 16:09:38

— Tá, mas vale a pena.
— E como é esse projeto?
— Não sei direito. Só sei que é muito bom.
— Sei... E o que ele tem de bom?
— Bom, não. Muito bom.
— Certo. O que ele tem de muito bom?
— A ideia geral. Me identifiquei totalmente.
— Qual seria essa ideia?
— É uma ideia muito simples e muito inteligente.
— Juntar simplicidade com inteligência costuma dar boa coisa mesmo.
— Muito boa. Estou animado.
— E qual seria esse plano 2030?
— Seria, não. Será.
— Vejo que você está confiante.
— Totalmente.
— Estou precisando confiar em alguma coisa também.
— Então vem comigo.
— Pra onde?
— Pra Agenda 2030.
— O que eu tenho que fazer pra embarcar nessa?
— Nada. Só embarcar. Eles cuidam do resto.
— Legal. Parece prático.
— Muito prático. Simplicidade e inteligência, como te falei.
— Bem lembrado. E qual seria a ideia geral mesmo?
— Seria, não. É.
— Opa, desculpe. Ainda me falta confiança.
— Normal. Você chega lá.
— Tomara. Então qual é mesmo a ideia geral?
— Sinto que você está um pouco ansioso.
— Talvez.

Miolo - passaporte 2030.indd 20 02/05/2022 16:09:38

— Também fiquei assim no começo. É a vontade de que 2030 chegue logo.

— Deve ser. E por que mesmo a gente quer que 2030 chegue logo?

— A sua memória não tá legal mesmo, hein? Não retém nada do que eu falo.

— Desculpe.

— Tudo bem. Vou repetir: em 2030 vamos ser felizes.

— Ah, é! Poxa, como pude me esquecer de uma coisa tão boa?

— Acontece. Pode ser medo de ser feliz.

— Já ouvi falar.

— Muito comum. Mas você vai superar.

— Obrigado.

— De nada. Assim que você embarcar na Agenda 2030, já vai se sentir outra pessoa.

— Será?

— Experimenta.

— Tá bom. Embarquei.

— Parabéns! E aí, já tá sentindo a mudança?

— Não sei, acho que sim...

— Não se reprime. Deixa a felicidade começar a se espalhar pelas suas células. Sem medo.

— Ok. Estou tentando.

— Ótimo.

— Estranho é que mesmo aqui dentro da Agenda 2030 ainda não estou conseguindo ver a ideia geral do projeto.

— Não se preocupa. Você ainda está com seu olhar para o mundo defasado. Daqui a pouco sua visão se abre.

— É bom sentir a sua confiança.

— Aprendi com a Agenda 2030.

Miolo - passaporte 2030.indd 21 02/05/2022 16:09:39

— Incrível. Será que, enquanto a minha visão não se abre, você pode me dar uma ideia sobre a ideia da coisa.

— A ideia da ideia... Viu como você já está pensando com mais clareza?

— Você acha?

— Acho, não. Tá na cara!

— Que bom. Então, a ideia da ideia seria...

— Seria, não. É! Repete comigo: a ideia *é*!

— A ideia é.

— Perfeito. Sua confiança já está visivelmente maior.

— Opa, legal. Então vou aproveitar que estou confiante e perguntar sem meias palavras, ok?

— Pode perguntar o que quiser. Não existe segredo na Agenda 2030.

— Obrigado. Lá vai: qual é a ideia geral do projeto?

— Percebo que a sua confiança aumentou, mas a sua ansiedade ainda não diminuiu.

— Isso é normal?

— Absolutamente normal. Afinal, todos queremos que 2030 chegue logo.

— Fico mais tranquilo. E, enquanto ele não chega, você poderia me dar uma ideia da ideia geral da coisa?

— Claro. Não vou te torturar com isso.

— Te agradeço. Então, qual é?

— É uma ideia muito inteligente e muito simples.

— Essa parte já entendi.

— Ótimo. Você está pegando rápido.

— Obrigado. E qual é mesmo a ideia?

— A ideia é a seguinte: "Em 2030 você não vai ter nada e vai ser feliz."

— ...

Miolo - passaporte 2030.indd 22 02/05/2022 16:09:39

— Ficou até sem fala, né? Também fiquei no começo. É porque parece bom demais pra ser verdade.

— Quem criou esse plano?

— Uns bilionários reunidos na Suíça.

— Eles também não vão ter nada em 2030?

— Essa parte não foi detalhada no plano.

— E por que você confia tanto nesse plano?

— Porque já vi que ele funciona.

— Como?

— Com os trancamentos do *lockdown*, outra ideia simples e genial da mesma turma que fez a Agenda 2030, eu fui à falência.

— Você acha isso bom?

— Claro! O plano é "você não vai ter nada e vai ser feliz". A primeira metade dele já se concretizou pra mim.

— Isso é verdade. Só falta a felicidade, né?

— Calma. Uma coisa de cada vez.

A chamada Agenda 2030 do Fórum Econômico Mundial é uma representação vigorosa de dois valores marcantes do século 21: empáfia e futilidade. Conseguir juntar empáfia e futilidade já é, por si, uma façanha — e esta é a alquimia da modernidade 2030: potencializar a falta de potência, encher de presunção a mediocridade.

O lema da tal Agenda 2030 é: "Você não vai ter nada e vai ser feliz." É um apetitoso convite de mentira — como tudo na cosmética politicamente correta — a um mundo de união,

Miolo - passaporte 2030.indd 23 02/05/2022 16:09:40

conectado pela inteligência e pela ética. Seria uma espécie de neorromantismo hippie, atualizado pela tecnologia, e que poderia soar até inspirador se não fosse falso. Mas a falsidade é um detalhe, como você felizmente já notou.

O mundo do século 21 passou a assistir a um surto megalômano de nerds bilionários conectados a ditadores dissimulados e perfumados por animadores de auditório e subcelebridades em geral. Uma festa.

Capturaram com grande sensibilidade os anseios da burguesia narcísica e medíocre, que vende seu corpinho (e sua alminha) por qualquer maquiagem revolucionária. Você devia ter desconfiado na virada do século, quando começaram a vender desvairadamente a China como vanguarda do capitalismo. Um regime ditatorial, fechado, com a liberdade do cidadão na ponta da espada estatal... Como você acreditou nisso como a locomotiva da modernidade?

Os androides do Fórum Econômico Mundial trataram a Covid-19 como oportunidade. São desumanos em pele de humanistas — fantasia muito em voga no Réveillon 2030 (tão grandioso que começou dez anos antes). Nem é preciso entrar em grandes conjecturas geopolíticas para entender o pulo do gato. "Globalismo", "governo mundial" e outros conceitos barrocos que os amantes de palestras amam repetir dizem muito pouco. Ou melhor: quase enobrecem propósitos rasteiros e nada sofisticados.

Você acha que o ditador da China trabalharia para criar um "governo global"? Claro que não. Ele trabalha para expandir seu poder obscuro, do jeito que der. Se conseguir enfiar o mundo todo dentro da sua ditadura, ótimo.

Aí a Covid-19 realmente se tornou uma oportunidade — como dizem os burgueses fúteis do Fórum Econômico Mundial.

Miolo - passaporte 2030.indd 24 02/05/2022 16:09:40

E que "oportunidade" foi essa? Basicamente, a de sujeitar os indivíduos e as sociedades a um punhado de regras autoritárias fantasiadas de segurança sanitária, sem lastro científico algum — e se empapuçar de poder e grana. Claro, com a propaganda hedionda de boa parte da grande imprensa sobre a suposta efetividade dessas regras.

Você não estranhou a união de grandes veículos de comunicação, historicamente concorrentes, numa coisa que eles próprios passaram a chamar de "consórcio"? Consórcio de quê? De manchetes iguais? O que houve com a concorrência? Foi vítima de uma epidemia de notícias siamesas?

Essa imprensa transformista alegou que o "consórcio" era uma união para garantir informação confiável contra a propagação de "*fake news*". Ou seja: um conluio de boa aparência.

Esse conluio entre "concorrentes" saiu por aí disparando suas manchetes iguais para construir verdades de proveta. Transformou, por exemplo, a ideia de "distanciamento social" — uma mistificação grosseira que nunca protegeu os vulneráveis e fingiu não ver as aglomerações nos transportes públicos — numa promessa de salvação. "*Lockdown*" nunca passou de um slogan estúpido, sem um único estudo sério atestando sua eficácia — e mesmo assim as milícias checadoras do consórcio agiram furiosamente para perseguir quem não tratasse esse slogan estúpido como ciência.

Entendeu o esquema? Ciência se faz com propaganda. Ou no grito mesmo. Quem não obedecer, apanha. Não só do Estado. A patrulha violenta vem também do semelhante, do próprio cidadão. A propensão humana para o controle da vida alheia virou praticamente um videogame nesses tempos neurastênicos.

Miolo - passaporte 2030.indd 25 02/05/2022 16:09:40

Todos os sócios da empatia de mentirinha — das mídias aos governos, das academias às corporações — passaram a visar uma coisa só: a construção de um clube de elite fundado em falsas éticas. Não é que esse clube seja uma unidade, uma entidade definida, global, ou coisa assim. É apenas uma forma malandra de poder, totalmente legalizada pelos inocentes úteis.

Não é um golpe da ONU, da OMS e afins. Essas entidades internacionais caindo aos pedaços se tornaram a massa de manobra burocrática para ajudar a legalizar o clube. Os conceitos de democracia e liberdade passaram a ser a fachada para os pregadores de uma cartilha idiota sujeitarem qualquer lei às suas vontades particulares (fantasiadas de ética e empatia). O clube é um entroncamento de poder, cinismo e grana — fantasiado de bondade. Se colar, colou.

Miolo - passaporte 2030.indd 26 02/05/2022 16:09:41